

## ENTREVISTA Eduardo Krieger

# ‘Há uma defasagem entre a passagem do conhecimento para a clínica’

Médico diz que Brasil precisa acelerar o processo que já está em curso nos países desenvolvidos

Com 84 anos de idade e 59 de carreira, o médico e ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências pensa em inovação. Eduardo Krieger critica haver curas para doenças em animais que jamais chegam a ser implementadas no homem. Por isso, aposta na aproximação do laboratório com a clínica, por meio de um modelo já forte nos EUA. Aqui no Brasil, ele já deu o pontapé para criar um grupo nacional de pesquisa integrada para a pressão arterial.

FLÁVIA MILHORANCE  
flavia.milhorance@oglobo.com.br

### ● O senhor defende um estreitamento da ciência teórica com a medicina prática. Mas como isto funcionaria?

Primeiro, a pesquisa é feita em laboratório e, depois, pode ser revertida em investigação clínica, ou seja, pode transportar para o homem aquilo que foi visto no animal de experimentação. Isto para novas drogas, novos tratamentos, para conhecer melhor uma doença, antecipar sua gravidade. Mas há uma defasagem entre a passagem do conhecimento para a clínica. Por exemplo, a pesquisa genômica deu um impulso fantástico à pesquisa básica. Mas os dados precisam ser utilizados. No animal de experimentação, você muda gene, vê como se comporta a doença neste animal. Só que é preciso ver se isto é válido para o homem por meio da pesquisa clínica, que tem que ser feita nos hospitais universitários, nos centros capacitados. E depois, ser levada para a saúde pública.

### ● A medicina translacional, este modelo que o senhor defende, pretende então diminuir esta demora da passagem da ciência básica para a ciência aplicada?

Exato. A aplicação clínica teve um desenvolvimento no mundo muito menos intenso do que a investigação básica.

### ● Como isto influenciaria a forma de se fazer pesquisa? Qual é a diferença deste para outros modelos?

É um enfoque novo para uma coisa que se fazia antes. Ela é, digamos, uma forma de mobilizar o pessoal, uma forma de dar consciência do que tem que ser feito. Já se agia, mas isoladamente. Agora, a consciência é de integrar para avançar. É um nome um pouco estranho, que surgiu nos Estados Unidos, num movimento pra corrigir o atraso. Então deveríamos adotá-lo também. Os países emergentes que têm ciência ainda em estágio inicial vão ter que se adaptar desde logo, procurando em grupos. Em países mais desenvolvidos, isto está sendo feito assim, precisamos disto também. É mandatório.

### ● No Brasil, como isto funciona? Há centros específicos e especializações, como já existem em outros países?

Há centros e cursos sim. Nós já temos um projeto de pesquisa integrada dentro do InCor para hipertensão resistente. Mas sabemos que deve haver um esforço maior dentro do meio universitário, onde está a maior parte da nossa pesquisa. Nos Estados Unidos, o Unaiids criou em 2006 o programa, que hoje abriga 60 universidades. Eles financiam as universidades para criarem centros de pesquisa translacional.

### ● Há linhas de pesquisa que sejam mais representativas para este modelo?

Temos a célula-tronco, a genética de populações. São áreas que estão se beneficiando



Medicina translacional. O médico e professor Eduardo Krieger criou o principal grupo nacional de pesquisa integrada sobre pressão arterial e apresenta avanços

da transferência rápida do conhecimento para a saúde pública. Mas não há um nicho especial para a medicina translacional. Em todas as áreas da ciência, a multidisciplinaridade é fundamental pra abordar um problema. Antigamente, os pesquisadores trabalhavam muito isolados, cada um com sua disciplina, usando seus métodos. A fisiologia não ia para a bioquímica, que não ia pra biologia molecular. Hoje, o fisiologista deve trabalhar ao lado do bioquímico, porque os estudos que estão sendo publicados atualmente exigem isto. Para ter uma ciência competitiva, é preciso ter também multidisciplinaridade.

### ● Então, deveria também haver uma aproximação da pesquisa básica entre os setores da universidade?

Hoje você não pode fazer uma pesquisa sem ter um caráter multidisciplinar. A área básica, da biomédica, também se beneficia dos outros setores, como da física, da química. Se está pesquisando novos métodos de imagem, você precisa de física para entender de ressonância, por exemplo. Esta ideia de que se precisa integrar o conhecimento e não deixá-lo estanque para poder fazer o progresso da ciência é que está permeando estas ideias das pesquisas translacionais, e no caso particular, da medicina translacional.

### ● O senhor acha que deve ser então uma tendência geral?

Sim, a medicina é um caso particular da aceleração da transferência do conhecimento para a aplicação, ela é mais geral, mas qualquer área precisa fazer esta transferência o quanto antes. E outro aspecto é o setor universitário se preparar e tomar como responsabilidade a transferência deste conhecimento que é gerado integralmente na universidade para o setor público. Isto é outra coisa que está faltando um pouco. No caso do Brasil, o Ministério da Saúde criou a Rede Nacional de Pesquisa Clínica, que hoje deve ter uns 40 hospitais, e o ministério está procurando o financiamento para poder constituir esta infraestrutura.

### ● Mas já há financiamento para isso?

Como tudo, seria melhor ter mais dinheiro. Mas pelo menos, está se criando a consciência de que é necessário ter uma rede de pesquisa clínica nos hospitais. Isto interessa ao SUS, interessa à saúde pública.

### ● Aliado a isto, também devem ser discutidas as questões éticas? Pois igualmente haverá parcerias com organizações, indústrias, que estarão sob a vigência de órgãos regulatórios.

Sempre a parte ética entra nas discussões, evidentemente. Quando se fala no avanço da medicina, de novas drogas, novos métodos, novos equipamentos, se imagina que o setor empresarial participa disto. O setor público coordena, orienta, mas o setor privado participa. Toda esta parte industrial de novos métodos está na base do setor privado, então eles têm que entrar.

### ● Este modelo também está relacionado com a Medicina Baseada em Evidências (MBE)?

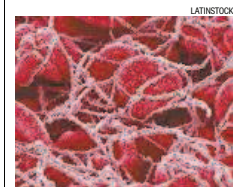
A MBE foi um movimento que começou em 1970, que diz que precisamos fazer ciência, que precisamos ter evidências para podermos usá-las. Agora a medicina translacional está dizendo como fazer esta ciência, é um passo adiante. Ou seja, com base nas evidências, ela diz que precisamos fazer esta transferência rápida do conhecimento e dá caminhos de como fazer isto integrando os múltiplos setores. No entanto, este processo ainda está lento no país.

### ● Falta apoio?

Não, é que começamos a fazer ciência de uma forma regular nas últimas três, quatro décadas. Nós publicamos na década de 1980, três mil trabalhos internacionais. Hoje, nós publicamos de 30 a 40 mil trabalhos. Nós formávamos 500 doutores na década de 80, e hoje são mais de 12 mil. É um progresso enorme que ocorreu nos últimos 40 anos, mas os países desenvolvidos fazem isso há muito mais tempo. Precisamos andar depressa. Ninguém irá parar e nos esperar. ●

## ▶ PESQUISA INTEGRADA

### GRUPO BRASILEIRO DE HIPERTENSÃO



Sangue. Células formando coágulos

Um centro de pesquisa integrada já funciona no Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Criado pelo professor Eduardo Krieger, o principal objetivo do grupo multidisciplinar de profissionais é avançar no conhecimento sobre a hipertensão arterial.

— Nós avaliamos qual é a proporção de brasileiros que, tomando anti-hipertensivos clássicos, em doses ótimas, não melhoram sua hipertensão arterial, isto se chama hipertensão resistente — explicou Krieger. Em países avançados nestas pesquisas, existem vários dados mostrando que entre 20% e 30% dos hipertensos são resistentes. Aqui nós não temos dados, então fizemos um projeto multicêntrico com 26 centros e hospitais universitários, além do Ministério da Saúde.

O projeto deve ser concluído em um ano. Hoje, 1,3 mil pacientes fazem parte do programa, que deve abranger dois mil. O objetivo é produzir dados e métodos para serem implementados pelo SUS.

## Mais Saúde

● **CÉREBRO:** Imagens dos exames de ressonância magnética mostram a relação do cérebro de crianças e adultos e seu desenvolvimento.

● **VÍDEO:** Assista ao vídeo do programa Vila Sésamo usado pelos pesquisadores da Universidade de Rochester no estudo com crianças e adultos.



● **MEMÓRIA:** Mulheres entre 40 e 50 anos com perda de memória podem culpar a menopausa, principalmente durante o primeiro ano após o fim dos períodos menstruais.



● **PERDA DE PESO:** Exercícios aeróbicos são a melhor opção para quem tem pouco tempo e precisa perder tempo e eliminar gordura, segundo pesquisa do Centro Médico da Universidade Duke com 234 pessoas.